

O Domínio da Razão Entre Freud e Platão

The Mastery of Reason Between Freud and Plato

Pedro Henrique de Oliveira Efken
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Resumo

No presente artigo, busca-se demonstrar que o domínio da razão sobre a dimensão corpórea, território dos apetites, é um imperativo no projeto ético platônico e freudiano. Com efeito, assim como Platão concebe uma faculdade racional da alma que deve dominar a parte apetitiva, essencialmente ligada ao corpóreo, Freud concebe o psíquico como um aparelho forjado para dominar as pulsões que se originam no organismo e chegam à mente como exigência de trabalho em virtude de sua ligação com o corpo. Ao longo do artigo, será demonstrado que o domínio do corpóreo pela atividade racional é, em certa medida, análogo em Freud e em Platão.

Palavras-chave: Domínio. Razão. Corpo. Freud. Platão.

Abstract

The presente article aims to demonstrate that the mastery of reason upon the corporeal dimension, territory of appetites, is an imperative of the platonian and freudian ethic project. Indeed, as well as Plato conceives one rational faculty of the soul that must marter the appetitive part, essentially related to the corporeal, Freud conceives the psychic as an apparatus forged to master the drives that are originated in the organism and reach the mind as a work demand due to its connection to the body. Along the article it will be demonstrated that the mastery of the corporeal by rational activity is, in certain measure, analogue in Freud and Plato.

Keywords: Domain. Reason. Body. Freud. Plato.

1 Introdução

Aproximar Freud de Platão, psicanálise e filosofia, qual a fronteira que delimita estes dois campos? Responder esta questão implica retomar o percurso freudiano na elaboração da sua pretensa ciência, a psicanálise, sempre sob ameaça dos tribunais epistemológicos como uma pseudociência; uma teoria baseada em especulações não demonstráveis empiricamente, o que a aproximava das especulações filosóficas que, segundo o próprio Freud (1913 [1912-13]/2006) não passavam de delírios paranoicos sublimados em racionalizações, cujo conteúdo não tinha qualquer correspondência com a realidade. É desta acusação que Freud tenta livrar-se quando, recorrentemente, delimita uma fronteira entre a psicanálise e a filosofia.

A fronteira delimita, nas palavras de Freud (1914), dois caminhos distintos, uma vez que as descobertas psicanalíticas seguem o laborioso percurso da experiência clínica, constituindo-se, portanto, em um saber baseado em evidências cientificamente demonstráveis, ao passo que as descobertas filosóficas são frutos da intuição de um trabalho meramente especulativo.

No entanto, a necessidade de reafirmar constantemente esta fronteira aponta para a denegação que, segundo o próprio Freud (1925/2006), nos fala que a necessidade de negar um enunciado costuma trazer, em seu avesso, uma afirmação. Parece ser esse o caso, uma vez que a especulação filosófica é algo caro ao espírito freudiano. Com efeito, ele só decide entrar na faculdade de medicina quando, ao participar de um curso público de anatomia comparada ministrado pelo Dr. Carl Brühl, é fascinado pelo belo ensaio de Goethe, sobre “A natureza”.

Tal ensaio provocou nele, segundo suas próprias palavras, uma espécie de intuição totalizadora, que exprimia sua busca de uma “compreensão do universo”. (ASSOUN, 1978, p. 13-14)

Não é surpreendente, portanto, que Freud vai de encontro à filosofia quando toma parte de cursos semanais, facultativos em seu currículo, ministrados pelo então ilustre filósofo e psicólogo Franz Brentano. A presença do estudante Freud nestes cursos se faz notar na medida em que Brentano o indica para traduzir uma das obras de Stuart Mill, substituindo o tradutor subitamente falecido (ASSOUN, 1978, p. 14-15)

Não é minha intenção, contudo, aprofundar-me na ambivalência de Freud em sua relação com a filosofia, para tal indico a obra “Freud a Filosofia e os Filósofos” de Assoun (1978). Ao que proponho, é suficiente salientar que a atitude filosófica fez parte do espírito freudiano e, portanto, é parte constituinte de sua psicanálise; esse discurso sobre a *psyché* atravessado, inicialmente, pela neurologia, depois pela psicologia, passando pela biologia até chegar nas especulações metafísicas sobre a origem da vida, enunciadas em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/2006) como meras especulações, mas que refletem o seu fascínio pela natureza, evidenciado nesta investigação propriamente filosófica que o leva a aprofundar sua metapsicologia.

E qual a concepção de natureza de Freud? Como sua metapsicologia o aproxima da filosofia e, seguindo a nossa proposta, à filosofia platônica? Muitas veredas podem ser tomadas neste percurso, mas ele tem início a partir da dimensão de domínio, a saber, o domínio do psíquico sobre o corpo, representante da natureza em cada um de nós. Com efeito, tratar da dimensão de

domínio entre Platão e Freud é tratar de um projeto que ganha nítida configuração a partir do primeiro e tem no segundo um de seus desdobramentos.

Freud é um herdeiro do projeto filosófico da modernidade e este tem, como bem salienta Garcia-Rosa (2007), Platão como inspirador e guia, de modo que a relação originária de Freud com a filosofia repousa, fundamentalmente, no fato deste estar na esteira do pensamento ocidental em um projeto iniciado por Platão. A busca das verdades universais, a soberania da dimensão racional da *psyché* e a conseqüente desvalorização do corpo são os eixos deste projeto, que trazem conseqüências éticas e políticas presentes em Platão e em Freud.

De fato, como bem salienta Martins (2010), Freud se junta a uma corrente da filosofia política que concebe o homem como dividido em uma parte natural, bestial, corporal e pulsional, e outra cultural – ou mesmo civilizatória –, que pode ser compreendida como a parte racional que deve dominar as pulsões. A partir dessa dicotomia, parece necessário e imprescindível que haja um controle individual e coletivo sobre nós mesmos, que impeça nossa natureza de nos autodestruir, destruir o outro e a coletividade.

Não é minha intenção aprofundar como este projeto é configurado na filosofia platônica, tentarei destacar apenas o suficiente para que possamos compreender como ele se apresenta na psicanálise freudiana.

2 O projeto platônico

Assim, tentemos agora situar brevemente a herança deixada por Platão, isto é, o seu projeto epistemológico,

ético e político que encontra, em Freud, uma de suas vicissitudes. A epistemologia platônica busca a superação das opiniões em prol das verdades eternas e imutáveis que, em última instância, derivam do bem, o princípio de toda ciência e verdade (PLATÃO, 2006), lugar da permanência a partir da qual o mundo sensível, impermanente, se constitui. Trata-se de uma questão lógica já presente nos filósofos da *physis*, isto é, a busca da permanência no movimento incessante da *physis*. Na pesquisa deste filósofos acerca da causa dos fenômenos da natureza é preciso encontrar uma causa primeira que deve, necessariamente, ser eterna e imutável, do contrário, estando sujeita à temporalidade, à geração e a corrupção, não seria causa de si própria, mas contingente.

O problema da contingência é que não abriga o lugar da verdade, a verdade deve ser segura, portanto, eterna e imutável. A capacidade de encontrar as leis gerais e universais que permanecem diante das mudanças é própria da razão que, na filosofia platônica, está na *psyché*; esse elemento que toma parte da inteligência do cosmos na medida em que enxerga um mundo inteligível por trás deste mundo sensível, onde tudo muda constantemente e não há lugar seguro para estabilidade. É daí que, em Platão, temos a dualidade de mundos: o inteligível e o sensível, o da permanência e o da impermanência, sendo o primeiro próprio da *psyché* e o segundo do corpo.

A verdade absoluta de todas as coisas, entretanto, é algo próprio dos deuses e o ser humano é, essencialmente, um ser da falta, do desamparo, tal como é enunciado no diálogo Protagóras (PLATÃO, 2002), onde Platão nos fala da condição humana a partir de sua versão alegórica do mito de Prometeu: nesse mito é dito que o

ser humano, em tudo mais frágil em relação aos demais animais, é ajudado por Prometeu que, transgredindo as leis divinas, rouba de Hefesto e Atena a sabedoria técnica concernente ao fogo e com isso concede ao homem uma fagulha da racionalidade divina.

É esta racionalidade, presente na *psyché* do humano, que o aproxima dos deuses, mas ele não é um deus e, portanto, sua alma não é perfeita. Para descrever a verdade da *psyché* humana imperfeita, Platão, no diálogo Fedro (2016), se utiliza novamente da linguagem mítica que permite uma aproximação, sempre uma aproximação, pois a verdade absoluta é dada apenas ao divino. Em tal alegoria, é dito que enquanto a *psyché* divina conta com dois cavalos de boa raça, belos e obedientes à condução do cocheiro, a *psyché* dos outros seres, entre os quais o ser humano, seria formada por apenas um cavalo de boa raça junto a um outro, mestiço e desobediente. Dessa dificuldade ontológica decorreria nossa dificuldade de dominar a nós mesmos.

Assim, as *psychés* divinas estão sempre em movimento ascendente em direção à morada dos deuses, mundo das essências que emanam do princípio absoluto, causa de todas as coisas, o bem. Já as *psychés* humanas padecem da constante peleja contra a pusilanimidade do cavalo mestiço, em persistente movimento contrário ao cavalo de raça. Em tal peleja perdemos nossas asas e caímos no mundo sensível, mundo das cópias imperfeitas das verdades eternas e imutáveis.

O mundo sensível é o território do corpo, sujeito à geração e à corrupção, à instabilidade, às doenças e todo tipo de desgraça que atrapalha nossa busca pelas verdades. Neste sentido, uma vida feliz é uma vida de negação ao corpo, dedicada à volta ao divino, uma

preparação da alma para libertar-se, de uma vez por todas, do corpo. De tal maneira, no Fédon (1999), Sócrates nos diz que:

[...] durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações, de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas que, por seu intermédio não recebemos na verdade nenhum pensamento sensato; não, nem uma vez sequer! Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e seus apetites para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! (66b-c)

A libertação do corpo é o telos da filosofia platônica, é preciso domar nosso cavalo mestiço que nos empurra para baixo, a esta condição decadente de prisioneiros de um corpo essencialmente mal e, para alcançarmos tal finalidade, a vida neste mundo sensível deve ser permeada por uma ética ascendente, de domínio da razão. Mas como fazê-lo?

Uma resposta está na proposta política da república, onde Platão (2006) elabora a mais bela cidade, sua cidade ideal, que será erigida sob quatro grandes virtudes: a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça. Tais virtudes são virtudes da alma, de modo que a cidade

ideal será uma expressão de almas virtuosas. Em Platão e em Freud (1921/2006), como veremos, o coletivo e o individual seguem à mesma estrutura e obedecem às mesmas leis.

Não pretendo aqui me aprofundar em cada uma destas virtudes, basta salientar que tais virtudes correspondem à organização da *psyché* de cada um na medida em que a melhor parte, a razão, deve deter o domínio das outras partes. Com efeito, Platão (2006) divide a *psyché* em três partes hierarquicamente dispostas em uma ordem que vai da melhor e menor para a pior e maior: a menor e a melhor é a parte racional, que diz respeito à capacidade de conhecer o bem, causa de todas as coisas; em seguida, temos a parte irascível, responsável pelo ímpeto, a força de vontade e, por último, a parte dos apetites, que é a maior e a pior, causa de todas as desgraças, como vimos acima.

As virtudes dizem respeito ao domínio da razão sobre os apetites e tal domínio é a *enkratéria* (WALMSLEY, 2016, p. 35), termo que caracteriza o homem que é capaz de exercer poder sobre si mesmo, ser mais forte do que si mesmo. Só assim ele poder ser livre, pois sua *psyché*, que é a sua essência, terá a força necessária para libertar-se da prisão do corpo. Inversamente, se somos dominados pelos apetites, somos escravos de nós mesmos, ou melhor, escravos da dimensão corpórea.

Este almejado domínio de si, entretanto, não se dá em uma relação de subserviência, quicá pacífica, pois *kreítto* (o que é mais forte) faz parte do mesma campo semântico de *Kratéō*, que quer dizer guerra, ou seja, é travada uma verdadeira guerra no interior do homem para o que é mais forte (*kreítto*) vencer o que é mais fraco (*hautōū*) (WALMSLEY, 2016, p. 36). O conflito habita a

psyché, tanto em Platão quanto em Freud e os que são livres configuram apenas uma minoria de homens de natureza superior, pois conseguem dominar a si mesmos e são, conseqüentemente, os mais aptos a governar: os homens de ouro capazes de implementar um domínio da razão que apaziguará a cidade dos males dos apetites corpóreos.

3 O domínio da razão em Freud

Um domínio da razão, em uma concepção semelhante à de Platão, é também a solução política de Freud para os males da guerra. De fato, em sua resposta à pergunta “Por que a guerra?” de Einstein, Freud, após tentar respondê-la por meio de sua teoria das pulsões, afirma que existem dois tipos de homens: aqueles que têm necessidade de uma autoridade que tome as decisões por ele e uma “camada superior dos homens dotados de mentalidade independente, não passível de intimidação e desejosa de manter-se fiel à verdade”. Tal camada deveria, em acordo com Freud, e por que não Platão, “dirigir as massas dependentes” (FREUD, 1933[1932], p. 205).

Nessa perspectiva, Freud segue nos dizendo que “a situação ideal, naturalmente, seria a comunidade humana que tivesse subordinado sua vida pulsional ao domínio da razão”. Situação utópica, uma vez que homens capazes de tal domínio são poucos, uma minoria na qual ele se inclui junto com Einstein, fornecendo uma justificativa orgânica para tal. Isto é, por razões constitutivas, diz Freud, ele é um pacifista, em outras palavras, um homem de ouro platônico. A explicação que fundamenta sua afirmação reside na evolução da espécie humana, que corresponderia a um progressivo domínio pulsional: o fortalecimento, diz Freud, do intelecto que começa a

governar a vida pulsional. (FREUD, 1933[1932]). O domínio das pulsões pela razão é, portanto, a finalidade do psiquismo freudiano.

Com efeito, embora pouco tenha sido escrito sobre a dimensão de domínio em psicanálise, ela configura uma noção abundante, mas ainda pouco precisa, apesar de seu rico potencial teórico: Bemächtigungsapparat, Bemächtigungstriebe, Bewältigung, Beherrschung, são estes os principais termos referidos ao domínio na obra de Freud. No verbete “pulsão de dominação” do Vocabulário da Psicanálise encontramos a seguinte definição: “Denominação usada em algumas ocasiões por Freud, sem que o seu emprego possa ser codificado com precisão. Freud entende por ela uma pulsão não sexual que só secundariamente se une à sexualidade e cujo alvo é dominar o objeto pela força” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/1986, p. 514). No entanto, a questão do domínio aparece em vários momentos na obra de Freud, sendo enunciada em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006b p. 92) como função geral do aparelho psíquico, que estaria “acima de tudo [...] destinado a dominar as excitações que de outra forma teriam efeitos patogênicos.” Como bem destaca Assoun (1989), a pulsão de dominação termina por ser um fragmento de uma função geral de domínio essencial ao aparelho psíquico freudiano.

Tal domínio é, necessariamente, o domínio do corpo, haja vista que o domínio pulsional é o domínio do corpo. De fato, o conceito de pulsão vai ser erigido a partir do corpo, primeiramente pelo conceito fisiológico de estímulo e o esquema do arco-reflexo, segundo o qual um estímulo trazido de fora e que atinge o tecido vivo (substância nervosa), é descarregado para fora por meio

da ação. A pulsão, diz Freud, é um conceito subsumido do conceito de estímulo, sendo propriamente o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam o psiquismo (FREUD, 1915/2014).

Mas como lidar com estes estímulos? Freud nos remete à posição de um ser vivo quase totalmente desamparado, ainda desorientado no mundo, e que recebe estímulos sobre sua substância nervosa. A reação imediata é a fuga, através da ação muscular, que é efetiva no caso dos estímulos do mundo externo, porém esse ser vivo perceberá também estímulos contra os quais tal ação é inútil, estímulos que apesar da ação de fuga, mantêm seu caráter de constante premência, sendo tais estímulos a marca de um mundo interior: a natureza no interior do humano, evidenciada pelas necessidades pulsionais das quais não se pode fugir; sendo, portanto, a exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corpo. (FREUD 1915/2014; 1920/2006)

A partir destas considerações, cabe salientar que a relação com o corpo é, originariamente, conflituosa. A presença do corpo representa uma ameaça da qual é preciso fugir, sendo a fuga ineficaz é preciso então trabalhar para dominar as exigências pulsionais. Nós somos este corpo, como dirá Freud (1923/2006), o eu é a projeção da superfície corpórea. Todavia, é também enunciada uma dualidade, onde a relação entre o somático e o psíquico não é de maneira alguma harmoniosa: é uma relação que começa pela ideia de fuga, sendo seguida pela ideia de fronteira que delimita dois lugares distintos, o que dá a pensar acerca da projeção da superfície corpórea como uma defesa contra o corpo, a saber, a projeção enquanto mecanismo de defesa.

Com efeito, em “As pulsões e seus destinos”

(1915/2014), a autonomia das forças pulsionais em relação aos representantes psíquicos é enunciada, há um automatismo fisiológico estrangeiro ao Eu, independente dele; a compulsão à repetição que já começa a se fazer presente no discurso freudiano atrelada a este estranho familiar, a saber, o Heimlich/Unheimlich (FREUD, 1919/2006): estes termos que nos falam do mais familiar e, a partir desta ideia de familiar, pertencente à casa, desenvolve-se outra ideia, de algo escondido, secreto, e essa ideia expande-se de muitos modos, denotando aquilo que está afastado do conhecimento, inconsciente, obscuro, trazendo, portanto, também a noção de algo oculto e perigoso.

O corpo, esse é o estranho. Sim, no artigo sobre o estranho (FREUD, 1919/2006) o sentimento de estranheza é relacionado aos movimentos mecânicos e automáticos dos autômatos, estas coisas com vida própria, tal como o corpo, com seus automatismos que estão fora da dimensão representacional, isto é, fora do registro da nossa razão, pretensamente soberana. Até na medicina o corpo é estranho, quando falo do meu corpo e digo que algo nele não está bem isso não tem o sentido de “eu não estou bem”. É mais como dizer que algum autômato que me pertence não vai bem, isto é, não está funcionando direito, está fora do meu domínio, parece que tem vida própria essa coisa estranha, como o coração que bate intensamente numa crise de pânico.

Paradoxalmente, é pela insuficiência deste modelo dualista de herança platônica – que advoga uma ética ascendente, de soberania da razão sobre o corpo – que emerge a psicanálise freudiana, compreendendo o psiquismo como atravessado pelas pulsões que se originam no somático e atingem o psíquico como uma

exigência de trabalho em virtude de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915) No entanto, o psiquismo também é entendido como um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou até, caso isso fosse viável, se manter numa condição inteiramente não estimulada, sendo estes o princípio de prazer e nirvana, estes dois principados que dominam a nossa vida psíquica. Ou seja, as coisas vão bem quando o corpo não se faz presente, quando está em silêncio nos deixando em paz para raciocinar.

4 O domínio da razão, entre Freud e Platão

Cabe agora evocar a permanência, o imutável, a estabilidade, a sua ética, sua estética e sua episteme, em Platão, naturalmente, mas certamente também em Freud, com o seu princípio de domínio, do qual o prazer é apenas um herdeiro, um sinal estético de que o domínio foi bem-sucedido e a prova disso é que o aparelho psíquico encontra-se estável, sem perturbação do corpo.

A *arché*, o princípio fundamental, é o domínio. A monarquia do domínio cujo prazer é apenas um principado que precisa ser assegurado; está na metapsicologia, é preciso sujeitar a excitação pulsional que atinge o processo primário, somente após tal sujeição é que seria possível a dominância do princípio do prazer avançar sem obstáculo, até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar, ou sujeitar as excitações, teria precedência, independente do princípio do prazer e, até certo ponto, desprezando-o, no caso de sua soberania ser solapada, como ocorre nos eventos traumáticos. (FREUD, 1920/2006)

A dominância do prazer é a dominância da representação, a cura freudiana, a talking cure, ou cura

pela fala, pelo discurso, o logos platônico, o discurso racional. Nesse sentido, Freud, ao apresentar seu método em uma conferência à médicos vienenses, em 1904, publicada no artigo “Sobre psicoterapia” (1905 [1904]), estabelece que sua terapia se fundamenta na concepção de que representações inconscientes – ou melhor: a inconsciência de determinados processos anímicos – seja a causa mais próxima dos sintomas patológicos. O tratamento consiste, então, na tomada de consciência deste inconsciente e o resultado é a suspensão da coerção sob a qual se encontra a sua vida anímica. Ou seja, o tratamento psicanalítico nos ajudará a nos tornarmos senhores de nós mesmos, nos libertando da escravidão do inconsciente que, como ele dirá depois, repousa fundamentalmente no corpo.

Wo es war soll ich werden (FREUD, 1923/2006), onde estava o isso, deve advir o eu, ou, quem sabe, onde era isso, o corpo, deve advir o eu, a consciência, o cogito que deve governar o corpo. Voltando à Platão, onde era o corpóreo, este cavalo indomável que nos puxa para baixo, deve advir o Eu, em um movimento ascendente para o estabelecimento de sua soberania sobre o corpo, o isso. Nessa perspectiva, a psicanálise, dirá Freud em 1923, é um instrumento que capacita o ego a conseguir uma progressiva conquista do Id” (FREUD, 1923/2006, p. 68)

Isso foi dito em “O Ego e o Id”, mas reafirmado em outras ocasiões, de maneira que em uma de suas últimas obras, “O Compêndio de psicanálise”, já no primeiro capítulo, onde se propõe a descrever “O aparelho psíquico”, Freud (1940/2014, p. 17-19) nos diz que o eu percebe e armazena as experiências do mundo exterior aprendendo a modificá-lo de modo adequado à sua própria conveniência, isto é, dominá-lo. No tocante ao

interior, a respeito do Isso, o Eu desempenha sua atividade na medida em que, obtendo o domínio (Herrschafti) sobre as exigências das pulsões, decide se lhes deve ser permitida a satisfação, se essa satisfação é adiada para o momento e as circunstâncias favoráveis, ou mesmo se reprime inteiramente suas excitações.

Tal concepção me lembra imediatamente da liberdade platônica, uma liberdade negativa que é positivada na medida em que sou senhor de mim mesmo e posso dizer não aos apetites, do contrário seria um escravo deles. Me parece que Sigmund Freud criou um método para auxiliar nesta guerra que o homem trava no interior de si mesmo em prol da soberania da razão; de fato, ainda no compêndio, no capítulo sobre a técnica psicanalítica, Freud (1940/2014, p. 87) no diz que a psicanálise deve entrar em ação quando:

[...] O Eu encontra-se enfraquecido pelo conflito interno; temos que ir em seu auxílio. É como em uma guerra civil que tem de ser decidida pelo socorro de um aliado vindo de fora. O médico analista e o Eu enfraquecido do enfermo, apoiados no mundo externo real, devem formar um partido contra os inimigos: as exigências pulsionais do Isso e as exigências da consciência moral do Supereu. Celebramos um pacto de um com o outro. O Eu doente nos promete a mais completa sinceridade, quer dizer, pôr à disposição todo o material que sua autopercepção lhe fornece, e nós lhe asseguramos a mais estrita discrição e colocamos a seu dispor nossa experiência na interpretação do material influenciado pelo inconsciente. Nosso saber deve compensar seu não-saber, deve restituir ao seu Eu o domínio sobre regiões perdidas

Somos então reencaminhados ao logos, à linguagem que tenta apreender o movimento próprio da physis, no caso em questão, a physis particular de humanos singulares, vivos, que sentem cruelmente um corpo impermanente que é afeto, intensidades, umas linguagem sem palavras, mas que deve submeter-se à soberania do discurso e da interpretação, as armas da psicanálise para o domínio pulsional. Os histéricos sofrem de reminiscência, dizia Freud, reminiscência de um corpo, gritando por não ser falado e a psicanálise tenta falar o corpo, mas com a linguagem do logos. A soberania da razão sobre o corpo, este é o ato analítico, o reconhecimento epistêmico do desconhecimento, mas tenta-se conhecer um corpo que sente sem sentir, o que é como tentar cheirar pelos olhos.

5 Considerações finais

No pensamento platônico e freudiano, a dimensão da experiência corpórea deve ser contida pelo logos, que organiza e dá sentido aos apetites, para Platão, e às pulsões para Freud. Neste sentido, os dois pensadores compartilham de um projeto racionalista que busca reduzir às intensidades estéticas aos limites da razão.

Uma crítica a esse projeto é realizada por Nietzsche (2017), quando afirma a arte como uma forma privilegiada de expressão do aspecto pulsional do humano. Para Nietzsche, a vida é fundamentalmente pulsional, sendo a razão, o pensamento e a lógica formas de abstração que, sobretudo a partir de Sócrates, elevam a experiência estética à rarefação inteligível que nega a própria vida. Para o pensador, a tragédia grega alcançou um equilíbrio

entre os dois impulsos da natureza, o apolíneo e o dionisíaco, na medida em que a dimensão da força, das intensidades, encontram um sentido pleno nas representações trágicas, configurando uma experiência estética que implica uma ética de afirmação da existência que é essencialmente trágica. Com a filosofia platônica, assistimos a morte da tragédia pela sobrevalorização do elemento apolíneo – medida, luminosidade, limite consciência racional, etc. – em detrimento do dionisíaco – indiferenciação, ausência de limites, intensidades, pulsão, etc.

Na esteira do platonismo, a psicanálise freudiana seria, para Foucault (nascimento da loucura), um saber sobre a loucura – que é da ordem da desrazão – em prol de uma terapêutica que visa uma cura no registro das representações que iluminam as sombras do inconsciente patológico. Nesta perspectiva, Birman (2000, p. 39) afirma que:

A experiência psicanalítica teria sempre a intenção de promover a desalienação da loucura, concebida sempre como alienação mental, deslocando-se, pois, do território da desrazão para o âmbito da razão. Seria essa transformação que significaria propriamente a cura da loucura, ou seja, a sua terapêutica pela razão psicanalítica [...]

Tais considerações são provocações à primazia de uma episteme de base platônica na psicanálise freudiana que, apesar de representar um ataque à soberania da razão, paradoxalmente termina por afirmá-la quando, a nível político, propõe uma ditadura da razão e, a nível ético, uma terapêutica que consiste na cura pela fala. Tal

fala é o discurso do logos, o qual possibilita um saber curativo que restitui ao eu o domínio sobre as suas sombras. Nestas condições, a dimensão estética é sobrepujada por uma epistemologia ascendente, o que é o mesmo que dizer que não há equilíbrio entre Apolo e Dionísio, mas domínio do primeiro sobre o segundo.

No entanto, nos dias de hoje, sob o risco de sermos escravos das paixões desmedidas representadas pela irracionalidade política de um Bolsonaro e de um Trump, devemos conceder uma parte a Freud e a Platão, sobretudo lembrar da pertinente crítica de Platão à democracia, este regime dos apetites que promove a tirania. Talvez contrapor perspectivas a partir dos pensamentos de Nietzsche, Foucault, Platão, Freud, entre outros, nos ajude a, através de um movimento dialético, superar os impasses de ambos os lados.

Referências

ASSOUN, P. **Freud a filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ASSOUN, P. **Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BIRMAN, J. Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FREUD, S. **Sobre psicoterapia**. *In*: Fundamentos da clínica psicanalítica. Belo horizonte: Autêntica, Originalmente publicado em 1905.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. *In*: J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 13) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913 [1912-13]).

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. *In*: J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras

Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 14) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

FREUD S. **As pulsões e seus destinos.** Trad. P. T. Tavares, Trad. Belo Horizonte: Autêntica (Originalmente publicado em 1915)

FREUD, S. **O estranho.** *In:* J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 18) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1919)

FREUD, S. **Além do princípio do prazer.** *In:* J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 18) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920)

FREUD, S. **Psicologia das Massas e análise do Eu.** *In:* J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 18) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921)

FREUD, S. **O ego e o id.** *In:* J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 19) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923)

FREUD, S. **A negativa.** *In:* J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 19) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925)

FREUD, S. **Por que a guerra?** *In:* J. Strachey (Ed. rev.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 22) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933)

FREUD, S. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014 (Originalmente publicado em 1940).

GARCIA-ROZA, A. **Freud e o inconsciente.** 23. ed. Rio de

Janeiro: Zahar, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. 9. ed. Trad. P. Tamem. São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1967)

MARTINS, A. **Prefácio**. //: Mizrahi, B. G. A vida criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PLATÃO. **Protagóras**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 2002.

PLATÃO. **Fedro**. Trad. de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

PLATÃO. **Fédon ou da alma**. //: Diálogos. Trad. de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural (Os pensadores), 1999.

PLATÃO. **A República**. Trad. de Anna Lia Amaral de Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WALMSLEY, L, N. **Liberdade democrática versus liberdade filosófica**: um estudo dos usos do conceito de eleuthería na República de Platão. Dissertação de mestrado, São Paulo: Usp, 2006.

Pedro Henrique de Oliveira Efken

Graduado em filosofia e psicologia, e mestre em teoria psicanalítica. Professor de filosofia na Universidade Católica de Pernambuco.

Email: pedro.efken@unicap.br

Submetido: 10/03/2020

Aprovado: 15/04/2020